

## UMA MALDIÇÃO PREENHE DE SIGNIFICADOS

Pedro Paulo de Abreu FUNARI\*

**Resumo:** Começa-se por tratar dos aspectos epistemológicos: vida privada, literatura, inteligência, boçalidade, subalternidade, tudo a partir do conceito de teoria social. Para isso, deve tratar-se, também da Arqueologia, de como ela permite um acesso particular a tais temas. Em seguida, apresenta-se a inscrição, características, transcrição, tradução. Tem-se estudado tais tipos de inscrição sob diversos aspectos, em especial pela religiosidade ou como magia (TOTTI, 2013; SILVA 2020), mas, nesta ocasião, procura mostrar-se como inteligência e boçalidade podem ser entendidas, em termos de Espinosa, a partir de alegria e tristeza. E como ambas se relacionam às relações de subalternização. Micropoderes a oprimir e destruir. Conclui-se por relacionar às contradições contemporâneas, aqui e alhures, que induzem a maldizer a vida alheia, mas também, ao mesmo tempo, a própria.

**Palavras-chave:** Estudos Subalternos; História Antiga; Inscrição latina; Literatura latina; Teoria Social.

**Abstract:** The paper starts by discussing several epistemological issues: private life, literature, intelligence and ignorance, subalternity, all of them taking into account social theory. For that, it turns to archaeology as it enables a unique access to those subjects. It then addresses an inscription, its features, particularly on religiosity and magic. In this paper, Baruch Spinoza, the 17th. C. philosopher is used to interpret intelligence and ignorance as joy and sadness, both related to submission, as micro-powers oppressing and destroying. It concludes by relating contemporary contradictions, here and elsewhere, inducing people to despise the life of others, but also, by the same token, their own.

**Keywords:** ancient history; Latin inscription; Latin literature; social theory; subaltern studies.

---

\* IFCH / Universidade Estadual de Campinas. Email: [ppfunari@uol.com.br](mailto:ppfunari@uol.com.br).

## Introdução

Os temas da mesa, vida privada e literatura, e do evento, inteligência e boçalidade, podem ser discutidos a partir de uma inscrição de maldição. Começa-se por tratar dos aspectos epistemológicos: vida privada, literatura, inteligência, boçalidade, subalternidade, tudo a partir do conceito de teoria social. Para isso, deve tratar-se, também da Arqueologia, de como ela permite um acesso particular a tais temas. Em seguida, apresenta-se a inscrição, características, transcrição, tradução. Tem-se estudado tais tipos de inscrição sob diversos aspectos, em especial pela religiosidade ou como magia (TOTTI, 2013; SILVA 2020), mas, nesta ocasião, procura mostrar-se como inteligência e boçalidade podem ser entendidas, em termos de Espinosa, a partir de alegria e tristeza. E como ambas se relacionam às relações de subalternização. Micropoderes a oprimir e destruir. Conclui-se por relacionar às contradições contemporâneas, aqui e alhures, que induzem a maldizer a vida alheia, mas também, ao mesmo tempo, a própria.

Vida privada e literatura, inteligência e boçalidade, tema deste Congresso Internacional Culturas, Literaturas, Antiguidade 2021 e desta mesa-redonda, em particular, apresentam desafios teóricos muito específicos. O que entender por esses termos, na intersecção entre o presente e o passado? O passado é como um país estrangeiro (LOWENTHAL, 2015) e o seu estudo um inventário de diferenças (VEYNE, 1976). Ao mesmo tempo, a história é sempre um exercício de interpretação no e do presente (CROCE, 2011). Esses dois aspectos precisam, assim, ser considerados, como o farei de início, antes da apresentação de um estudo de caso. Ao final, de novo passado, presente e possibilidades de futuro reaparecem.

## Literatura

Literatura é daqueles conceitos que todo mundo conhece, pensa conhecer ou, ao menos, já ouviu falar. No senso comum, literatura e ficção escrita são identificados. Em seguida, como aparece nas listas de vendagem, menciona-se literatura de ficção e de não-ficção. Termos como literatura acadêmica ou médica têm em comum o fato de serem publicados por escrito, com letras, de onde literatura. Literatura oral busca juntar expressões faladas, como parlendas, fábulas, provérbios, poemas, quando publicadas de forma escrita. A *Ilíada* ou a *Odisseia* são exemplos bem conhecidos disso, assim como a תורה שבעל פה, *Torah shebe-'al peh* (A lei que está na boca) denota, portanto, a lei indicada na palavra (*al peh*) e compreende todo o ensino tradicional contido no *Mixná*, o *Tosefta* e o *Midrax Alacá*, uma vez que estes foram ensinados apenas por via oral e não estavam comprometidos com a escrita (SCHIMMEL, 1971). Em ambos os casos, surgidos na fala, foram registrados por escrito séculos depois, na forma das obras atribuídas ao bardo Homero e na compilação chamada de *Talmude*. Haveria literatura sem escrita? Sem letras, com certeza, já que os sistemas de escrita cuneiforme, egípcio, chinês ou maia, baseados em outros princípios de notação, deixaram registradas narrativas de diferentes tipos. E antes da escrita? Tema fascinante, mas para outra ocasião.

Em seguida, se incluirmos ficção e não ficção, teremos um sem-número de gêneros literários, tanto definidos no passado mais antigo ou recente, como suas

fronteiras sempre em disputa e controvérsia. Cabe designar obras antigas como romances, termo muito posterior? Seria adequado falar em poesia concreta para algo escrito em uma parede de Pompeia? Pelo inventário de diferenças, claro que não, mas por toda interpretação estar no presente e com todo o repertório anterior, claro que sim! Neste contexto, como encarar um escrito de maldição, impreciação (*imprecatio*, invocação, pedido), *defixiones* (*defico*, de = *fico*, fico, finco), *κατάδεσμος*, *katádesmos* (*katadein*, *δέω*, atar, ser necessário)? Embora de certa origem oral, sua escrita visa a perenizar o pedido, fixar no objeto o desejo de fixar o amaldiçoado, como se o que se atar por escrito adquirisse o poder de impor-se ao corpo do objeto da maldição. Embora pedido de que algo assim seja não precise ser para prejudicar o outro, como atestam tantas outras práticas (*peto pro alieno*, cf. Cic. Lig. 10.31, que ressoa em "Loving the alien", de David Bowie; PEGG, 2016), as impreciações não deixam de impressionar por sua ubiquidade, no tempo e no espaço. Podem ser consideradas literatura, com certeza, ao estarem por escrito, ainda que se possa disputar se constituem um gênero específico. Costumam seguir fórmulas, certas maneiras partilhadas e mesmo inconscientes de expressão popular. Esse caráter baixo está presente na expressão impropério, comentário rude e ofensivo (como *imprecation*, em inglês, ou *imprécation*, em francês), usado no cotidiano para referir-se a expressões orais, mas perenizadas na escrita de forma mais indelével.

A impreciação como literatura suscita o tema da privacidade (*per*, o que está ao redor), para se referir ao próprio, de acesso limitado a outros, o que já coloca esses outros na equação: não há privado, sem público, assim como o privado apresenta sempre aspectos coletivos ou só pode estar relacionado às outras pessoas. A impreciação pode ser aberta e pública, como a todo momento nos contatos orais, mas está presente também na literatura publicada. As *defixiones* antigas eram privadas e públicas a um só tempo, pois eram depositadas em lugares de acesso para outras pessoas e expunham queixas em relação a pessoas concretas, até mesmo nomeadas e descritas. A privacidade pode ser tomada como especificidade, como aquilo que se refere ao que concerne aqueles que estão mais próximos. Na literatura, o gênero epistolar apresenta bem a gama de expressões, entre o privado e o público. Uma carta é por definição literatura escrita, exhibe sempre certa elaboração e estruturação, em parte segue fórmulas e convenções, com particularidades caso a caso. Ao ser endereçada a uma pessoa, a um grupo humano, ou mesmo a uma entidade, como uma divindade, possui tanto a intimidade privada, com a expectativa de leitura por um ou por muitos. Leitura real, imaginária ou possível. Nestes aspectos, não parece descabido, mesmo que a posteriori, colocar as maldições como parte do que seria um gênero epistolar (LÓPEZ-JIMENO, 1990). De fato, isso não é necessário, mas, tampouco, descartável. Se o formos considerar como epistolar, podemos captar sua ambígua situação de privada e pública forma literária, sua preocupação, maior ou menor, com estilo, entre outros aspectos. *ἐπιστολή*, *epistolé*, "algo enviado para alguém" parece bem adequado para descrever um escrito de maldição.

Ainda em termos de gênero literário, as maldições podem ser inseridas no âmbito da religiosidade, como literatura mística, cujas palavras podiam aparecer com poder de agir no mundo. Há, ainda, sua interação com o estilo da literatura jurídica, em sua oralidade, com fórmulas conhecidas por todos. As classificações em gêneros literários são sempre um desafio e, na prática, há intersecção de

diferentes gêneros, tanto na literatura erudita como, tanto mais, na cotidiana e popular.

## **Inteligência e boçalidade: ou alegria e tristeza**

*Intellego*, separo entre, entendo, analiso, opõe-se bem ao uso comum do termo boçal, cuja etimologia e trajetória são significativas. A origem do termo boçal, que existe em português e castelhano, não está bem definida, mas logo foi termo aplicado a africanos escravizados e que não dominavam bem o vernáculo, português ou castelhano. Quando já dominava um pouco o vernáculo era ladino, de óbvia origem latina (*latinus*), para designar aquele que domina o vernáculo. Se assim for, boçal seria como bárbaro, aquele que balbucia, com conotação pejorativa. Boçal, de etimologia duvidosa, poderia vir de *bucca*, boca, daí aquele que tem penugem sobre a boca e poderia estar em relação com *bozza*, em italiano, e *bosse*, em francês, esboço, talvez não relacionados a *bucca*. De todo modo, a oposição está entre a capacidade de ligar, em inteligência, e a dificuldade de fazer as ligações e expressar-se de forma articulada, característico da boçalidade. Como diria Espinosa, a inteligência de retribuir o ódio com o amor (BRENT, 1988) corresponde à boçalidade de retribuir o ódio com o ódio.

Assim, inteligência, como ligação, e boçalidade, como incapacidade de unir, podem ser entendidos como alegria e tristeza, na terminologia do filósofo Bento Espinosa (EZQUERRA-GÓMEZ, 2003). Alegria, *laetitia*, é sentimento de partilha com o outro, é algo eterno, *sub specie aeternitatis*, em busca da vida. Já a tristeza é em tudo o contrário: exclusão, temporário, com a morte no horizonte. Espinosa, de língua materna portuguesa, parece descrever bem a diferença entre o simples sorriso, de um lado, e o cenho fechado, de outro. O primeiro leva ao riso desarmado e desafiador frente e em relação ao outro, enquanto o segundo induz ao confronto, à luta e à destruição, do outro e de si mesmo:

*Homini igitur nihil homine utilius; nihil, inquam, homines praestantius ad suum esse conservandum optare possunt, quam quod omnes in omnibus ita convenient, ut omnium mentes et corpora unam quasi mentem, unumque corpus componant, et omnes simul, quantum possunt, suum esse conservare conentur, omnesque simul omnium commune utile sibi quaerant. Ex quibus sequitur, homines, qui ratione gubernantur, hoc est, homines qui ex ductu rationis suum utile quaerunt, nihil sibi appetere, quod reliquis hominibus non cupiant, atque adeo eosdem iustos, fidos atque honestos esse.* (Espinosa, Ética, 4, 18, Scholium).

Para o ser humano nada é mais útil do que o ser humano. Nada, digo, os seres humanos podem considerar mais útil para sua conservação do que todos concordarem em que mentes e corpos de todos componham uma mente só mente e um só corpo e que todos tentassem, o quanto possível, preservar o ser. E que todos juntos deveriam buscar por si mesmos o bem comum. Do que segue que os seres humanos que são governados pela razão, isto é, seres humanos que buscam o que lhes é útil, conduzidos pela razão, nada buscam para si, se não que os outros seres humanos não desejem ser eles mesmos tão justos, confiáveis e honestos. (Tradução do autor)

## **Arqueologia e literatura**

O conhecimento do passado, em geral, e da Antiguidade, em particular, tem se beneficiado, cada vez mais, da Arqueologia, de como ela produz sempre mais evidências. A História Antiga, há muito, não pode ser feita sem a Arqueologia, como dizia Geza Alföldy (1984), desde a década de 1980, mas também, todo o conhecimento do mundo antigo. E a literatura, como fica nisso? A Arqueologia tem produzido, desde o século XIX, manuscritos antigos, ainda que de maneira excepcional. Ou seja, a Arqueologia não deve ser descartada tampouco para o conhecimento da Literatura, no sentido amplo. Há uma convergência de tendências em ambas as disciplinas. A Arqueologia, surgida do estudo das grandes estruturas arquitetônicas, dos objetos bonitos e raros, usados pelas elites do passado, ampliou-se (DYSON, GRILLO e FUNARI, 2012). Os objetos do cotidiano (*instrumentum domesticum*, “algo construído para uso em casa”) foram considerados pela Arqueologia, primeiro os que portavam inscrições (*instrumentum domesticum inscriptioum*), depois, todo tipo de vestígio. A disciplina, antes voltada para o exclusivo, passou a incluir com crescente atenção o que há de mais simples. Em paralelo, aproximava-se das pessoas comuns, de comunidades locais, indígenas, no que viria a ser definido, ao final do século passado, como Arqueologia Pública (FUNARI e BEZERRA, 2012).

O campo dos estudos literários (*literary studies*) não só passou por processo similar, como foi mesmo anterior e com repercussões muito mais amplas. A Linguística, desde o início do século XX, viria a valorizar a linguagem espontânea (*parole*), frente à normatividade da língua (*langue*) institucionalizada, aquilo que se fala, frente ao que se aprende na escola. O processo de aproximação do falado havia começado muito antes, em parte como resultado do processo nacionalista, tão importante no século XIX, com sua busca dos relatos orais de analfabetos no campo. O projeto do Estado nacional (HARTOG, 2017), com sua atuação em prol da unidade, dava voz aos mais excluídos, ao mesmo tempo que o Estado nacional impunha a normatividade da língua na escola. Havia, pois, convívio contraditório entre registro da linguagem falada, dos costumes dos sem educação formal, com a imposição, que viria a ser chamada de colonialismo interno (HOWE, 2002), de língua normativa e cultura erudita. Os estudos subalternos deram novo ímpeto a essas tendências, também no estudo do mundo antigo (COURRIER e MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2021). Em seguida, as mais importantes inovações da teoria social viriam ou passariam pelos Estudos Literários, em particular no que viria a ser conhecido como perspectivas decoloniais (SEGATO, 2010). Termos como transculturação, mestiçagem, creolização, desconstrução, hibridismo, vivificaram nesse âmbito e, daí, puderam espalhar-se pelas Humanidades (FUNARI e GARRAFFONI, 2018). A Filosofia no último século, ao menos, não pôde prescindir da sua ligação com a Linguística e os Estudos Literários (BARTHES, 1982).

Daí à crescente valorização da literatura vernacular ou de uso cotidiano vai um passo. Giorgio Agamben (2019), filósofo vivo dos mais importantes, ressalta como os vernáculos, o que se fala, podem ser fonte da mais profunda inspiração. Neste ponto, convergem a Arqueologia e os Estudos Literários: a imensa maioria das epígrafes ou documentos paleográficos apresentam o uso vernacular, mesmo de línguas francas, como o latim, o grego ou o aramaico. Jean-Luc Fournet explicava, em sua aula inaugural no Collège de França (07/01/2016), que a imensa produção paleográfica antiga demorou a ser considerada relevante e digna de estudo. Distante das normas cultas, faltava a abertura que, depois, passou a valorizar toda a produção vernacular e subalterna. A Arqueologia com

sua produção constante e crescente de documentos escritos tornou-se aliada e relevante.

## Uma plaquinha

Uma plaquinha de chumbo, escrita dos dois lados, frente e verso, proveniente de Nomentum (AEp 1901, 183), no Lácio, vizinho ao território Sabino, datada da primeira metade do primeiro século da nossa era permite discutir um aspecto nem sempre levado em conta: as disputas entre subalternos, assim como seu protagonismo, aspectos contraditórios e conflitivos, mas a serem levados em conta, ao tentar entender não só outras épocas, como a nossa. Como entender, ou explicar, comportamentos e pontos de vista em tudo conflitivos e mesmo opressores, em pessoas, hoje, das mais exploradas, excluídas e subalternas? Esse o ímpeto inicial desta reconsideração de uma inscrição antiga.

Antes disso, convém começar com a peça mesma e como ela foi encontrada, quando e onde. Na cidade de Mentana (23 km a leste de Roma), hoje na região metropolitana de Roma Capital, encontram-se os restos da antiga cidade de Nomentum. Na localidade Immaginella, em escavações de 1901, encontraram-se, em sepulturas, tabuinhas de chumbo de maldição, entre elas uma de 52 cm (altura) x 92 cm (largura); altura das letras 6 cm, 1-4,2 ca. Tais medidas parecem seguir o *digitus* romano: 2,8 x 4,97 e as letras entre 0,3 e 0,2. Está armazenada no Museu Nacional Roma, Termas de Diocleciano, publicada em *Inscriptiones Latinae Selectae* 8751 e comentada, entre nós, por Maria Luiza Corassin (1996: 228). A datação, a partir da paleografia e do contexto de achado, está na primeira metade da era comum (d. C.), o que convém, também, com o que se pode observar no uso do latim nas inscrições parietais de Pompeia (FUNARI, 2012), contemporâneas ou pouco posteriores, já que a cidade foi destruída em 79 d.C. O mesmo se pode dizer sobre os nomes, como Malcio, que pode ser relacionado ao fictício Trimalchio do *Satyricon*, assim como se coaduna com o crescente protagonismo dos libertos, como bem atestado já com o imperador Cláudio (FUNARI e DUPRAT, 2019), entre 41 e 54 da nossa era (d. C.).

O texto é breve:

Lado A

MALCIO NICONES OCVLOS MANVS DICTOS BRACIAS VNCIS CAPILO CAPVT  
PEDES FEMVS VENTER NATIS VMILICVS PECTVS MAMILAS COLLVS BVCAS  
DENTES LABIAS ME<NT>VS OCLOS FRONTE SVPERCILILI SCAPLAS VMERUM  
NERVIAS OSSV MERILAS VENTER MENTVLA CRVS QVASTV LVUCRVM  
VALETVEDINES DEFICO IN AS TABELAS

Lado B

RVFA PVBLICA MANVS DETES OCLOS BRACIA VENTER MAMILA PEDTTVS OSV  
MCRILAS VENTER CRVS OS PEDES FRONTES VNCIS DICTOS VENTER VMLICVS  
CVNVS VLVAS/QVAS ILAE RVFAS PVBLICA DEICO IN AS TABELAS.

Texto reconstruído, na norma culta latina:

Lado A

Malchio Niconis oculos, manus, dígitos, brachias, ungues, capillos, caput, pedes, femus, ventrem, nates, umbilicum, pectus, mamilas, collum, os, buccas, dentes, labias, mentrum, óculos, frontem, supercilia, scapuas, umerum, nervia, ossum medulas, ventrem, mentulam, crus, quaestum, lucrum, valetudines defigo in has tabelas.

Labo B

Rufa publica manus, dentes, oculos, brachia, ventrem, mamillas, pecturs, ossuum medulas, ventrem, crus, os, pedes, frontem, ungues, dígitos, ventrem, umbilicum, cunnum, vulvam, iliae vel quas iliae Rufae publicae defigo in has tabelas.

Tradução:

Lado A

Malchio (filho ou escravo) de Nico: seus olhos mãos, dedos, braços, unhas, cabelo, cabeça, pés, cintura, barriga, traseiro, umbigo, peito, mamas, pescoço, bochecha, dentes, lábios, queixo, olhos, fronte, supercílios, escápulas, ombro, músculos, medula, barriga, caralho, canela, foco e amaldiçoio nestas tabelas.

Lado B

Rufa, escrava pública: as mãos, dentes, olhos, braços, barriga, mamilos, peito, tutano, intestinos, canela, boca, pés, fronte, unhas, dedos, útero, umbigo, boceta, vulva, lombos, de Rufa, a escrava pública, amaldiçoio nestas tabelas.

Já o uso do idioma permite concluir que se trata de pessoas de fora dos âmbitos dominantes. Essa imprecisão parece ser mais ou menos contemporânea tanto dos grafites populares de Pompeia (antes de 79 d.C.), como do *Satyricon* (AQUATI, 2008) de Petrónio (27-66 d.C.), com sua afetação popular, ou da linguagem rebuscada de Sêneca (4 a.C.- 65 d.C.). A grafia demonstra pouco trato com as normas cultas correntes à época, como na omissão de letras que deveriam estar dobradas (*mamilas* por *mamillas*, por exemplo), ou de inteiras sílabas. Neste caso, *scaplas* por *scapulas* pode ser comparado a casos semelhantes nos grafites, como *domna* por *domina* (CIL IV 8364). Não há tampouco consistência nos desvios de grafia ou sintaxe, o que indica, de novo, pouca frequência da leitura e da escrita em contextos oficiais ou mesmo educativos. O texto reflete a fala e a tentativa de escrever de acordo com a norma, com sucesso relativo apenas. Ainda em termos sintáticos, o uso do acusativo (objeto direto) é o que mais a aproxima da escrita pompeiana e a afasta, até mesmo, da afetação popularesca do *Satyricon*. Assim, *uenter* por *uentrem*, *umilicus* por *umbilicum*, *collus* por *collum*, *mentus* por *mentum*, *fronte* por *frontem*, entre diversos outros exemplos. Quem colocou por escrito a maldição tinha alguma instrução, mas devia conseguir ler bem melhor do que escrever, algo muito comum entre pessoas subalternas em qualquer época, como mesmo hoje.

O conteúdo confirma o *status* das pessoas envolvidas: uma escrava pública, Rufa, e um provável escravo, Malchio, envolvido com os negócios do patrão também subalterno, Nico. Rufa (ruiva) é um nome de subalternizados (CIL IV 2421: *Rufa ita vale quare bene felas*; AGP 2021), assim como Malchio (à letra, reizinho, de origem semita, מלך, algo como "graudinho") e Nico (Solin 1987: 197), Sklavenmilieu, um ambiente servil, nas palavras de Solin (1989). Rufa foi interpretada como escrava pública reprodutora, ou seja, seus filhos seriam parte da escravaria da administração (*familia publica*). O cenário seria a maldição escrita por um homem ou mulher subalterna, em provável disputa amorosa com o casal amaldiçoado. Ambos, Malchio e Rufa podiam esperar pela alforria: ele, por acúmulo de recursos, ela por parir e gerar um escravo público. Haveria, ainda, a possibilidade da compra de Rufa e de um possível filho de ambos, caso Malchio fosse alforriado e possuísse recursos. A pessoa que escreveu a imprecisão, também subalterna, ataca o corpo e a capacidade de enriquecer de Malchio e a

capacidade reprodutiva de Rufa. Nesta hipotética reconstrução, o que estaria em jogo eram as oportunidades não só, nem talvez tanto, amorosas, como de promoção social. A autora anônima podia pretender ser ela a beneficiária dos recursos de Malchio, em detrimento de Rufa ou mesmo ser um homem de recursos, escravo ou liberto, interessado em Rufa, por motivos como sua beleza, para ser ele a comprá-la. Não se pode saber, são especulações mais ou menos bem fundamentadas e possíveis, mas, de todo modo, importa ressaltar as rixas entre subalternos, em particular se estiver em jogo as poucas possibilidades de promoção social. A competição nem sempre é bonita ou alegre, para usar os termos do filósofo Bento Espinosa (Ética 4, 37, 1), mas, sim, triste e rancorosa:

*Cupiditatem deinde qua homo qui ex ductu rationis vivit, tenetur ut reliquos sibi amicitiajungat, honestatem voco et id honestum quod homines qui ex ductu rationis vivunt, laudant etid contra turpe quod conciliandæ amicitiaë repugnant.*  
Espinosa, Ethica, IV, 37, 1

Já o desejo que leva o homem que vive sob a condução da razão a unir-se aos outros pela amizade chamo de lealdade (*honestas*, honestidade). E chamo de leal (honesto) aquilo que os homens que vivem sob a condução da razão louvam, e de desleal aquilo que contraria o vínculo da amizade. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva).

## Conclusão

O tema deste colóquio, inteligência e boçalidade, surge do presente, mas mexe em feridas do passado. O fim da Guerra Fria (1947-1989) não levou ao fim da História (FUKUYAMA, 1992), mas a movimentos identitários, nacionalistas, imperialistas, colonialistas, negacionistas, destrutivos, necropolíticos e abusivos (PINSKY e PINSKY, 2021). *Kulturkampf*, agora chamada de guerra de narrativas, volta com a força das redes sociais e seu imenso poder destrutivo. As desigualdades e a falta de perspectivas de convívio pacífico e amigável podem levar à competição destrutiva. Daí que subalternizados e vitimizados, de maneira, na aparência incongruente, se voltem para a opressão dos outros, ainda que submetidos também à violência. Essa desumanização atinge não só os subalternizados evidentes (mulheres, pobres, excluídos, pessoas com necessidades especiais, entre outros), mas mesmo os opressores, oprimidos pela situação em que se encontram. Como explicar, assim, que um empresário milionário possa perder a própria mãe, contagiada por uma doença (Covid-19), e prefira que essa informação não conste no atestado de óbito, que seja alterado para encobrir um fato que contradiz a narrativa do empresário? A vida da mãe, e não só de tantos desconhecidos, acabam por estar a servir a causa destrutiva. Como explicar isso, senão pelo domínio da tristeza, do ódio? Este texto latino de dois mil anos, tão distante no espaço e no tempo, pareceu-me adequado para estudar como a tristeza e o ódio podem inspirar-nos, na esteira de Bento Espinosa, ao convívio e à vida.

## Agradecimentos

Agradeço a Cláudio Aquati, Márcia Bezerra, Maria Luiza Corassin, Paulo Pires Duprat, Stephen Dyson, Renata Senna Garraffoni, José Geraldo da Costa Grillo, Carla Pinsky, Jaime Pinsky e Semíramis Corsi Silva. Menciono o apoio institucional do CNPq, Fapesp e Unicamp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

FUNARI, P. P. de A. A malediction full of meanings. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 313-323, 2022.

## Referências

AGAMBEN, G. La parola che viene - Felice Cimatti incontra Agamben (2019). *YouTube*. 2 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uQgNbfUTRGQ>. Acesso em: 20 dez. 2021.

AGP-EDR166493, *The Ancient Graffiti Project*. Disponível em <http://ancientgraffiti.org/Graffiti/graffito/AGP-EDR166493>. Acesso em: 08 set. 2021.

BARTHES, R. *Littérature et réalité*. Editions du Seuil: Paris, 1982.

CORASSIN, M. L. Uma contribuição da epigrafia para o estudo da ação mágica: as *tabellae defixionum*. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 6: 223-231, 1996.

COURRIER, C.; OLIVEIRA, Julio Cesar Magalhães de (ed.). *Ancient history from below: Subaltern Experiences and Actions in Context*. Londres, 2021.

CROCE, B. *Teoria e storia della storiografia*. Adelphi, 2001 (1909).

DYSON, S.; Grillo, J. G. C.; FUNARI, P. P. A. Classical Archaeology. In: SILBERMAN, Neil. (Org.). *Oxford Companion to Archaeology*. 1.ed.Oxford: Oxford, 2012, v. 1, p. 321-325.

EZQUERRA-GÓMEZ, J. La Laetitia en Spinoza. *Revista de Filosofía*, 28, 1, 2003, p. 129-155.

FOURNETI, J-L. Culture écrite de l'Antiquité tardive et papyrologie byzantine, leçon inaugurale de Jean-Luc Fournet. *France Culture*. 15 out. 2021. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/les-cours-du-college-de-france/culture-ecrite-de-l-antiquite-tardive-et-papyrologie-byzantine-lecon-inaugurale-de-jean-luc-fournet>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FUKUYAMA, F. *The end of history and the last man*. Nova Iorque: Free Press, 1992.

FUNARI, P. P. A. *Aspectos de la cultura popular romana a partir de Pompeya: arte, erotismo y sensibilidad en el mundo romano*. Barcelona: Editorial Académica Española, 2012.

FUNARI, P. P. A.; BEZERRA, M. Public archaeology in Latin America. In: SKEATWS, Robin; MCDAVID, Carol; CARMAN John. (Org.). *The Oxford Handbook of Public Archaeology*. 1ed. Oxford: Oxford University Press, 2012, v. 1, p. 100-115.

FUNARI, P. P. A.; DUPRAT, P. P. A. Discurso, gênero literário e histórico: a propósito do imperador Cláudio e de Tácito. *Revista Entre-Parênteses*. v. 8,2, p. 1-24, 2019.

FUNARI, P. P. A.; GARRAFFONI, R. S. Discussing acculturation as an interpretive model: romanisation as a case-study. *Heródoto*, v. 2018, p. 255-265, 2018.

HARTOG, F. *La Nation, la religion, l'avenir*. Sur les traces d'Ernest Renan. Paris: Gallimard, 2017.

HOWE, S. *Empire: A Very Short Introduction*, New York: Oxford University Press, 2002.

LÓPEZ-JIMENO, A. *Las cartas de maldición*. *Minerva*, 4, 1990, 131-143.

LOWENTHAL, D. *The Past Is a Foreign Country – Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

LUCIANI, F.; URBANOVÁ, D. Cursing not just the body. Some remarks on a defixio from Nomentum in the light of the role of female public slaves in the Roman World. *Epigraphica*, 81, 1-2, p. 421-442, 2019.

MCKIE, S. Distraught, Drained, Devoured, or Damned? The Importance of Individual Creativity in Roman Cursing. *Theoretical Roman Archaeology Journal*, p. 15-27, 2015. doi: [https://doi.org/10.16995/TRAC2015\\_15\\_27](https://doi.org/10.16995/TRAC2015_15_27)

MORENO-SODEVILLA, R.; MARINA-CASTILLO, A.; VALVERDE, J. F.; *A prosopography to Martial's Epigrams*. De Gruyter, s.v. Malchio.

PEGG, N. *The Complete David Bowie New Edition: Expanded and Updated*. Titan Books, 2016.

PETRÔNIO. *Satíricon*. 1. ed. Trad. de C. Aquati. São Paulo: CosacNaify, 2008.

PETTIROSSI, V. Aggiornamento al corpus epigrafico dell'antica Nomentum. *Annali Nomentani*, 2016, p. 4-29.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. *Novos Combates pela História*. São Paulo, Contexto, 2021.

SCHIMMEL, H. C. *The oral law: a study of the rabbinic contribution to Torah she-be-al-peh*. Nova Iorque: Feldheim, 1971.

SEGATO, R. Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial. In: QUIJANO, Aníbal e NAVARRETE, J. M. (orgs.). *La cuestión descolonial*. Lima: Universidad Ricardo Palma, 2010.

SILVA, S. C. Magia Romana. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 330-335.

SINGER, A. B. Spinoza on returning hatred with love. *Journal of Moral Education*, 17:1, 3-10, 1988. doi:10.1080/0305724880170101

SOLIN, H. Analecta epigraphica CXXVI-CXXXII: CXXVI. ZU DEN NOMETANISCHEN FLUCHTAFELN. *Arctos: Acta Philologica Fennica*, Helsinki, v. XXIII, p. 195-200, 1989.

SPURR, M. S. Géza Alföldy: Römische Sozialgeschichte. *The Classical Review*. Steiner, Wiesbaden, v. 36, n. 2, p. 212, out. 1984. Wissenschaftliche Paperbacks 8, sozial- und wirtschaftsgeschichte, Hans Pohl (ed.). DOI: <https://doi.org/10.1017/S0009840X00106766>.

TOTTI, L. A. S. O valor mágico do olhar no capítulo 35 do livro I do '*Opus agriculturae*' de Paládio. *Revista Mundo Antigo*, v. 2, n. 1, p. 73-92, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122418>. Acesso em: 20 dez. 2021.

URBANOVÁ, D. Between syntax and magic: some peculiarities of nominal syntax in Latin curse tablets, p. 155-173. In GILS, L. van; KROON, C.; RISSELADA, R. *Lemmata Linguistica Latina*, vol. II: Clause and Discourse. 1st ed. Berlin: De Gruyter, 2019. ISBN 978-3-11-067817-8. doi:10.1515/9783110678222.

VEYNE, P. *Inventaire des différences*. Paris: Le Seuil, 1976.